

Sudão: berço histórico e a instabilidade política moderna

Histórico

A República do Sudão, país do centro-norte africano formado historicamente por diversos reinos que compunham a chamada Núbia, é uma das democracias mais recentes do mundo e enfrenta instabilidades políticas advindas de disputas entre os militares locais e, também, da convivência da população com regimes autocráticos.

Nesse sentido, e devido sua localização estratégica, o país foi invadido pelos líderes islâmicos do Egito em 1874 na busca pela expansão de suas religiões pela população local. Além disso, o Egito contou com o apoio de um protetorado britânico – sendo os ingleses responsáveis por funções burocráticas e administrativas na dominação egípcia – até a independência alcançada em 1956, após muitos embates entre os nativos e os colonos e que os legou uma infraestrutura precária e organismos frágeis.

Contexto Atual

Em 2019, houve uma movimentação conjunta entre grupos militares liderados por Abdel Fattah al-Burham e os combatentes paramilitares da Força de Apoio Rápido (ou RSF, na sigla em inglês) sob o comando de Mohamed Hamdan Dagalo, para a deposição do então presidente Omar al-Bashir com um golpe militar concretizado em 2021.

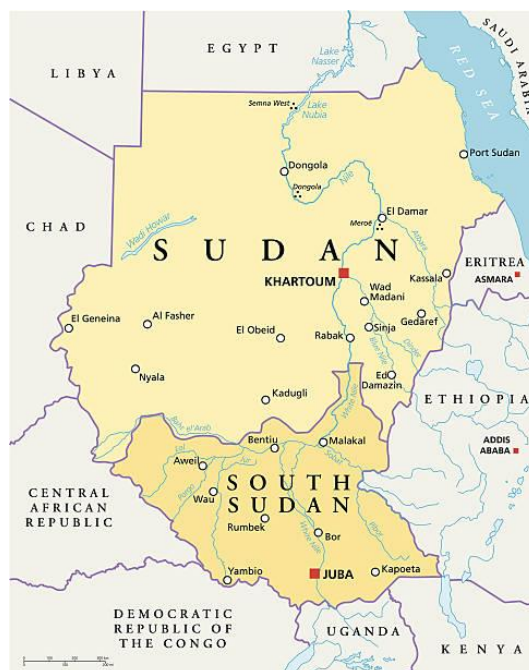
No entanto, após a concretização do objetivo, surgiram fortes tensões nas negociações para que a RSF fosse integrada às forças armadas do país e surgiu uma lide importantíssima: quem estaria hierarquicamente superior a quem no novo regime.

Outro ponto de destaque é que, devido a localização estratégica e o fato de mais de 1 milhão de civis terem sido deslocados (de acordo com dados da Organização Internacional para as Migrações), o Sudão está localizado numa região estratégica entre Egito; Arábia Saudita e Congo – o que gera fortes interesses econômicos e políticos.

Estima-se que as forças armadas sudanesas tenham cerca de 210-220 mil combatentes enquanto, por outro, acredita-se que a RSF tenha aproximadamente 70 mil, mas são mais treinados e mais

bem equipados – e receberam treinamento militar russo e as forças de Dagalo receberam treinamento e armamento da Federação russa.

Já as tropas de Burham, aparentemente – apesar de este o ter negado – recebe ajuda do grupo paramilitar Wagner. Além do mais, a capital Cartum, que sempre foi uma zona a ser evitada e onde não ocorria confrontação direta, está em frangalhos e imersa numa crise que reúne esforços de diversos atores internacionais.



Itamaraty e brasileiros no confronto

Uma outra questão que chama atenção é a atuação do Itamaraty na questão pois, dado o papel do diplomata de representar, e tendo em conta a então presença de 9 cidadãos brasileiros em solo sudanês o órgão de Relações Exteriores teve de negociar e auxiliar para que estes cidadãos pudessem ser repatriados.

Nesse diapasão, cabe o relato de Wilian Gabriel Silva Pimentel, jogador de futebol de 22 anos que estava militando no Al-Merreikh – clube localizado em Omdurman, cidade mais populosa do país e à noroeste de Cartum – que relatou que, apesar de até então o conflito não ter atingido a cidade de seu clube, ele pensou que havia pessoas achando que tudo ia durar uma semana, no entanto, refletiu: “(...) a guerra se alastrou pelo país. Na minha cabeça, pensei: uma guerra nunca termina logo”.

No meio de tais conflitos, chegou a ter de racionar alimentos e ficar desprovido de comunicação com o MRE, devido à falta de internet e infraestrutura.

“A comida também começou a faltar. Às vezes dividíamos dois ovos, com um pouco de arroz, para três pessoas. Ou um pouco de frango para cinco pessoas. Isso durou uns 28 dias e só melhorou quando o Itamaraty entrou em cena” – relatou ele.

Porém, após conseguir auxílio do Ministério, o órgão brasileiro se articulou junto a seus contatos na região e organizou uma viagem para que ele e seus companheiros pudessem sair de Atbara, e tivessem uma casa com internet e alimentação completa ademais de concretizarem um acordo com o governo saudita para que estes pudessem viajar à Jidá mesmo desprovidos de seus passaportes – que ficaram retidos no clube.

“No mesmo dia, ligaram e disseram que íamos embarcar de madrugada para Jidá, cidade saudita do outro lado da fronteira, em um avião, e não mais de navio. Chegamos às 4h ao aeroporto e esperamos até às 11h. O calor era intenso e havia muitas pessoas passando mal. Um policial do exército nos chamou e embarcamos” – relatou William que, em seguida, adicionou: "Ao chegarmos na Arábia Saudita, fomos muito bem recebidos tanto pelos diplomatas brasileiros como pelos sauditas. Recebemos passaportes de emergência do diplomata Rubens Amaral, fomos a um hotel e embarcamos para Dubai no dia seguinte. Até dei entrevista para uma emissora de televisão árabe. Todos queriam saber como estávamos.”

Assim, os diplomatas brasileiros conseguiram organizar para que estes pudessem regressar ao território nacional e, assim, retornar a suas cidades de origem.